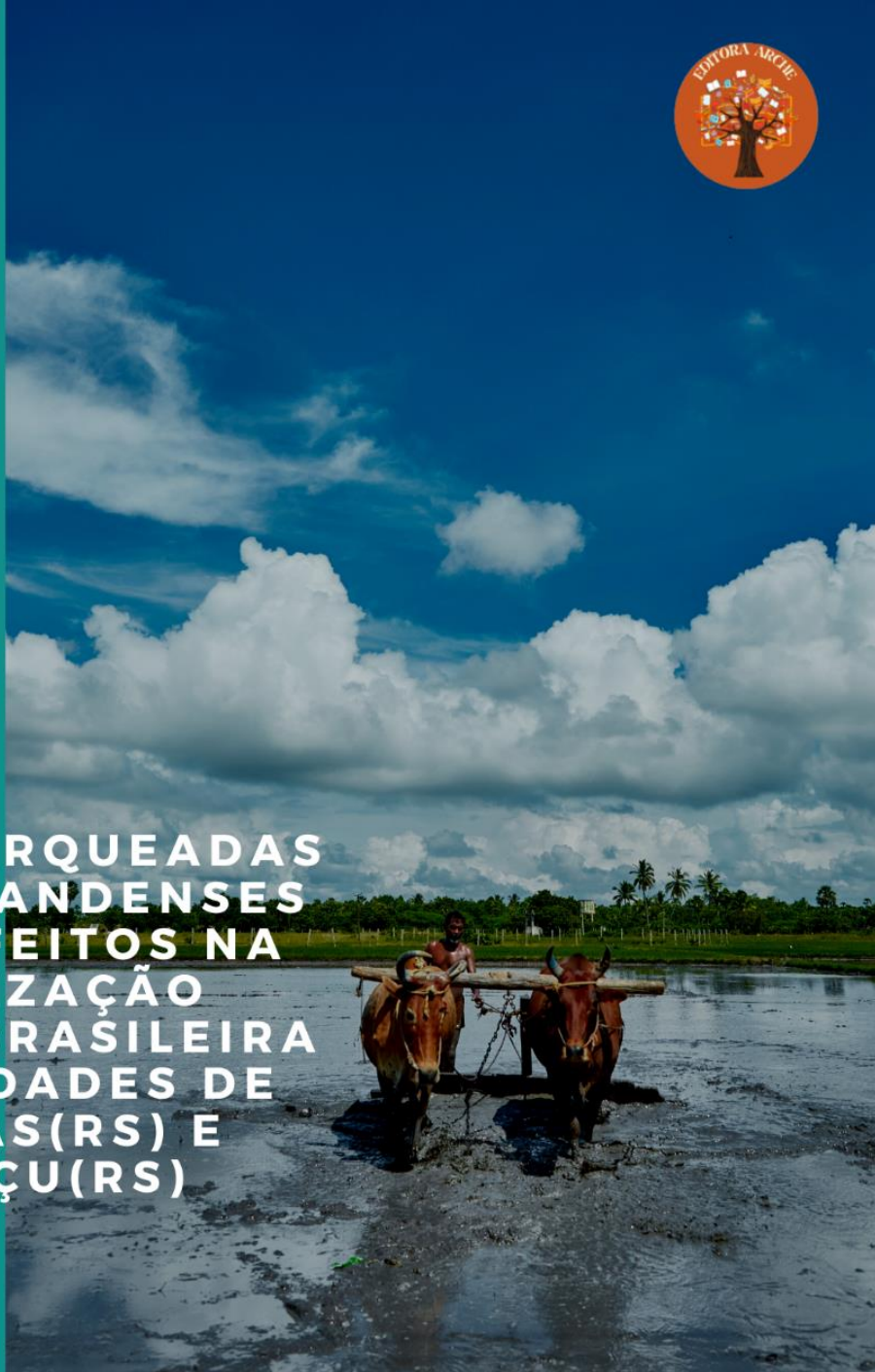




AS CHARQUEADAS RIO-GRANDENSES E OS EFEITOS NA COLONIZAÇÃO AFRO-BRASILEIRA NAS CIDADES DE PELOTAS(RS) E CANGUÇU(RS)



1.ª EDIÇÃO

ISBN 978-65-84809-65-9

MÁRCIO ORELIO SANTOS DA SILVA
GILSON CLEFF DOS SANTOS
ALEF SAIZER FIORI
SANDRO GOULART DA COSTA
EVERTON SEVERINO VIEIRA DA SILVA
ROBERTO CARLOS DIAS VITACA

SÃO PAULO | 2023



**AS CHARQUEADAS
RIO-GRANDENSES
E OS EFEITOS NA
COLONIZAÇÃO
AFRO-BRASILEIRA
NAS CIDADES DE
PELOTAS(RS) E
CANGUÇU(RS)**

1.ª EDIÇÃO

ISBN 978-65-84809-65-9

**MÁRCIO ORELIO SANTOS DA SILVA
GILSON CLEFF DOS SANTOS
ALEF SAIZER FIORI
SANDRO GOULART DA COSTA
EVERTON SEVERINO VIEIRA DA SILVA
ROBERTO CARLOS DIAS VITACA**

SÃO PAULO | 2023

1.^a edição

**AS CHARQUEADAS RIO-GRANDENSES E OS EFEITOS NA
COLONIZAÇÃO AFRO- BRASILEIRA NAS CIDADES DE
PELOTAS (RS) E CANGUÇU (RS)**

ISBN 978-65-84809-65-9



Márcio Orelío Santos da Silva
Gilson Cleff dos Santos
Alef Saizer Fiori
Sandro Goulart da Costa
Everton Severino Vieira da Silva
Roberto Carlos Dias Vitaca

**AS CHARQUEADAS RIO-GRANDENSES E OS EFEITOS NA
COLONIZAÇÃO AFRO- BRASILEIRA NAS CIDADES DE
PELOTAS (RS) E CANGUÇU (RS)**

1.^a edição

SÃO PAULO
EDITORA ARCHE
2023

Copyright © dos autores e das autoras.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY- NC 4.0).



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C484 As charqueadas rio-grandenses e os efeitos na colonização afro-brasileira nas cidades de Pelotas (RS) e Canguçu (RS) [livro eletrônico] / Márcio Orelio Santos da Silva... [et al.]. – São Paulo: Arche, 2023.
99 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-65-9

1. Carne seca – Indústria – História – Pelotas (RS). 2. Carne seca – Indústria – História – Canguçu (RS). I. Silva, Márcio Orelio Santos da. II. Santos, Gilson Cleff dos. III. Fiori, Alef Saizer. IV. Costa, Sandro Goulart da. IV. Silva, Everton Severino Vieira da. V. Vitaca, Roberto Carlos Dias.

CDD 338.47098165

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Revista REASE cancelada pela Editora Arche.

São Paulo- SP

Telefone: +55 (11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br>

contato@periodicorease.pro.br

1ª Edição- *Copyright*© 2023 dos autores.
Direito de edição reservado à Revista REASE.
O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva
responsabilidade do (s) seu(s) respectivo (s) autor (es).
As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações
e referencial bibliográficos são prerrogativas de cada autor
(es).

EQUIPE DE EDITORES

EDITORA- CHEFE

Dra. Patrícia Ribeiro, Universidade de Coimbra- Portugal

CONSELHO EDITORIAL

Me. Andrea Almeida Zamorano, SPSIG

Me. Victorino Correia Kinhama, Instituto Superior Politécnico do Cuanza-Sul,
Angola

Esp. Ana Cláudia Néri Bastos, PUCRS

Dr. Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

PhD. Diogo Vianna, IEPA

Dr. José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas

PhD. Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

Dra. María V. Albardonedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Dra. Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

Dr. José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

PhD. Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Dra. Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Dra. Sandra Moitinho, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Eduardo José Santos, Universidade Federal do Ceará,

Dra. Maria do Socorro Bispo, Instituto Federal do Paraná, IFPR

Cristian Melo, MEC

Dra. Bartira B. Barros, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Roberto S. Marcel- UFBA

Dra. Francisne de Souza, Universidade de Aveiro-Portugal

Dr. Paulo de Andrada Bittencourt – MEC

PhD. Aparecida Ribeiro, UFG

Dra. Maria de Sandes Braga, UFTM

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

Agradeço primeiramente A Deus, juntamente com a nossa senhora aparecida que sempre me proporcionaram a capacidade de nunca desistir perante as dificuldades. e depois agradeço aos colegas pelo quais juntamente a mim estão realizando este trabalho com seus conhecimentos.

APRESENTAÇÃO

AS CHARQUEADAS RIO-GRANDENSES E OS EFEITOS NA COLONIZAÇÃO AFRO- BRASILEIRA NAS CIDADES DE PELOTAS (RS) E CANGUÇU (RS)

As charqueadas rio-grandenses eram uma importante indústria localizada na região sul do Brasil, especificamente no estado do Rio Grande do Sul. Neste livro, as discussões circundarão as cidades de Pelotas e Canguçu, pertencentes ao estado do Rio Grande do Sul. Essas cidades se dedicavam à produção de charque, um tipo de carne seca utilizada como alimento e exportada para outras regiões do país e do exterior. A produção de charque era realizada a partir do gado bovino, e a indústria era importante para a economia da região durante muitos anos.

No entanto, a decadência das charqueadas rio-grandenses no final do século XIX é um assunto de discussão entre historiadores e economistas. Algumas teorias apontam a influência da mão-de-obra escravizada negra e indígena como um dos fatores que contribuiu para a queda da indústria, enquanto, outras apontam a concorrência com outras fontes de proteína, como a carne fresca, ou a

falta de investimentos em tecnologia e modernização da indústria.

Essa obra, deteve-se ao exame das possíveis influências da mão-de-obra escrava na decadência das charqueadas no Rio Grande do Sul. O escopo desta jornada investigativa é oferecer elementos que corroboraram para a derrocada deste importante indústria gaúcha, assim, corroborando para compreender os fatores econômicos preponderantes que impediram o Rio Grande do Sul de manter a indústria do charque no final do século XIX.

Ante apresentação, desejo uma profícua leitura para todos,

Os autores,

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: AS CHARQUEADAS RIO-GRANDENSES: UMA ANÁLISE DA MÃO-DE-OBRA ESCRAVA	12
1. INTRODUÇÃO	16
2. A ORIGEM DO RIO GRANDE DO SUL	19
3. CARACTERÍSTICAS SÓCIO ECONÔMICA DA REGIÃO SUL DO Rio Grande do SUL- RS	29
3.1. A estância	30
4. ANÁLISE DA ESCRAVIDÃO E DA MÃO-DE-OBRA ASSALARIADA	40
5. A DECADÊNCIA DAS CHARQUEADAS	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
CAPÍTULO II: COLONIZAÇÃO NEGRA NAS CIDADES DE PELOTAS E CANGUÇU DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	69
INTRODUÇÃO	72
DESENVOLVIMENTO	75
ILUSTRAÇÕES	83
CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS	89
ÍNDICE REMISSIVO	91

CAPÍTULO I

AS CHARQUEADAS RIO-GRANDENSES: UMA ANÁLISE DA MÃO-DE-OBRA ESCRAVA

RESUMO

O presente trabalho trata da mão-de-obra escrava e dos efeitos que esta causou para os charqueadores rio-grandense. Na sequência estudai-se as charqueadas rio-grandenses empregadoras de escravos, comparando-a com os saladeros do prata os quais utilizavam mão-de-obra assalariada. Os resultados obtidos indicam que a escravidão e a falta de tecnologia nas indústrias charqueadoras, associados com os interesses governamentais voltado para a política do café com leite, foram as responsáveis pelo atraso no desenvolvimento do capitalismo e conseqüente perda de competitividade com as empresas estrangeiras.

Palavras-Chave: Estância. Charqueada. Escravismo.

ABSTRACT

The present work deals with the slave labor and the effects that this caused for the charqueadores of Rio Grande do Sul. Next, the charqueadas in Rio Grande do Sul that employ slaves are studied, comparing them with the Saladeros do Prata, which used salaried labor. The results obtained indicate that slavery and the lack of technology in charqueadora industries, associated with government interests focused on the policy of coffee with milk, were responsible for the delay in the development of capitalism and the consequent loss of competitiveness with foreign companies.

Keywords: Estancia. Charqueada. slavery.

RESUMEN

El presente trabajo trata sobre el trabajo esclavo y los efectos que esto provocó para los charqueadores de Rio Grande do Sul. A continuación, se estudian las charqueadas en Rio Grande do Sul que emplean esclavos, comparándolas con los Saladeros do Prata, que empleaban mano de obra asalariada. Los resultados obtenidos indican que la esclavitud y la falta de tecnología en las industrias charqueadoras, asociadas a intereses gubernamentales centrados en la política del café con leche, fueron responsables del retraso en el desarrollo del capitalismo y la consecuente pérdida de competitividad frente a las empresas extranjeras.

Palabras clave: Estancia. Charqueada. esclavitud.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

É unânime entre os estudiosos da escravidão no Brasil que esta foi a principal mão-de-obra empregada na agricultura colonial. Importantes trabalhos tiveram como objeto a escravidão no sudeste e no nordeste brasileiro, os mais recentes, VERSIANI (1994 e 2000) e VERSIANI e VERGOLINO (2002). Mas o extremo sul ainda não foi alvo da aplicação dos métodos da economia da escravidão. Com isso, a obra de Fernando Henrique Cardoso se tornou uma nova ortodoxia seguida por autores como (PESAVENTO, 1990) e até mesmo (TARGA, 1991).

Não se almeja neste trabalho fazer tal aplicação de métodos. O trabalho que me proponho a desenvolver visa analisar qual foi a influência da mão-de-obra escrava na decadência das charqueadas. De modo a responder tal questionamento foi feito uma análise descritiva bibliográfica acerca da

mão-de-obra escrava, na qual se buscou obter conclusões sobre os fatores econômicos que impossibilitaram o Rio Grande do Sul de sustentar a indústria do charque no final do século XIX.

A ORIGEM DO RIO GRANDE DO SUL

2. A ORIGEM DO RIO GRANDE DO SUL

Os primeiros registros sobre a costa gaúcha ocorreram no início do século XVI, através de expedições litorâneas de exploração e comercialização do pau-Brasil, além de generalizado o nome de Rio Grande de São Pedro. Mas esta região permaneceu inexplorada por mais de um século, enquanto o restante do Brasil vivia o período de auge da cana-de-açúcar ¹.

Não possuindo riquezas minerais valorizadas no período mercantilista, principalmente ouro e prata, e possuindo clima semelhante ao europeu, que impedia o desenvolvimento de culturas complementares para atender à demanda europeia, o Rio Grande do Sul foi praticamente esquecido nos primeiros séculos de ocupação Portuguesa. *"Além disso, não possuía portos naturais e tinha uma*

¹ PESAVENTO, 1990, p. 7.

plataforma marítima pouco favorável à navegação, havia pouco incentivo a um conhecimento melhor da terra, ou mesmo para colonizá-la"².

No decorrer do século XVII, ocorreram as primeiras tentativas de expansão rumo ao sul. Devido ao domínio espanhol (1580-1640), os Holandeses ocuparam o nordeste brasileiro e apoderaram-se daquelas zonas da África fornecedora de mão-de-obra escrava, ocasionando a falta dessa mão-de-obra para o restante do Brasil. A cidade de São Paulo que já utilizava o índio nas atividades de subsistência e vendia-os nas zonas açucareiras, com esta redução de mão-de-obra negra, começa a caçá-los pelo interior do território brasileiro, chegando ao sul do Brasil, em especial atacando as reduções jesuíticas onde os índios encontravam-se reunidos, domesticados e de certa maneira dóceis

² FONSECA, 1983, p. 12.

na convivência com o homem branco³.

Os bandeirantes⁴ partem em direção ao sul do Brasil atacando as Missões Jesuíticas na busca do aprisionamento dos indígenas para posterior venda ao mercado brasileiro. Os jesuítas, após severos combates com os bandeirantes, sentindo-se cada vez mais ameaçados, retiram-se para a outra margem do Rio Uruguai, levando os índios consigo, mas "o gado é deixado à solta por quase um século e espalhado por todo o território"⁵. Esses rebanhos, abandonados no Pampa e reproduzindo-se à solta, formaram uma imensa reserva de gado selvagem. Estava lançado o fundamento econômico básico de

³ PESAVENTO, 1990, p. 8.

⁴ Bandeirante - Indivíduo que fazia parte de bandos ou bandeiras; exploradores particulares do sertão brasileiro. Normalmente, eram indivíduos em busca de enriquecimento rápido, nem sempre socialmente bem estabelecidos. Procuravam metais preciosos e indígenas para escravizar. Os espanhóis, em geral, destacavam os bandeirantes e chamavam pejorativamente de *mamelucos* (mestiços de branco e indígena). Os bandeirantes eram indivíduos de personalidade autoritária, violenta, aventureira. Para uns são heróis; outros os consideram bandoleiros cruéis.

⁵ GUILHERMINO, 1970, p. 75.

apropriação da terra gaúcha: a preia⁶ do gado xucro.

O povoamento inicial do Rio Grande do Sul deu-se por bandos organizados que recolhiam o gado xucro, para venda do couro ou para exportar as áreas mineradoras. No início da ocupação do Pampa, não existiu apoio da coroa portuguesa, mas motivada pela manutenção e expansão dos seus territórios e pelos tributos que poderiam ganhar, a Metrópole estabeleceu vilas fortificadas e distribuiu títulos de propriedade que legalizavam as estâncias.

“Ao redor da terceira década do século XVIII, iniciou o processo de distribuição de sesmarias⁷ definindo-se a posse da terra e do gado com o

⁶ Preia - Ato de apreender ou apresar. Presa. Caça de gado para reuni-lo ou simplesmente extrair o couro.

⁷ Sesmaria - Lote de terra inculca ou abandonada que os reis de Portugal concediam àqueles que se dispusesse a cultivá-lo. Cada sesmaria media em regra 3 léguas por 1 légua (cerca de 13 mil hectares).

estabelecimento de estâncias"⁸. As estâncias de gado realizavam uma criação extensiva do rebanho, utilizando como mão-de-obra os peões. Estes pertenciam aos bandos armados dos tropeiros ou eram índios egressos das missões.

*"A colonização deu-se por promessas de benefícios a militares que já haviam concluído os seus períodos de engajamento, oriundos na sua maioria das capitâneas de São Paulo e Minas Gerais"*⁹. Entre os benefícios que os militares receberiam para deslocar-se para o sul do país, estava à posse de terras, ascensão na carreira, alimentação e ascensão social. Promessas que só foram cumpridas diante dos protestos desses colonizadores, pois não havia interesse de desenvolver a região e sim um interesse estratégico de posse de terras pela Coroa Portuguesa. Na área do campo, geralmente de

⁸ PESAVENTO, 1990, p. 15.

⁹ ROCHE, 1969, p. 117.

planície, desenvolveu-se a pecuária extensiva, com base na grande propriedade, oriundo da distribuição de sesmarias, e nela se consolidou o latifúndio pastoril.

O povoamento da terra pode ser caracterizado por duas formas: a vila fortificada e a estância. A primeira vincula-se à segurança, indispensável numa zona de disputa; a segunda, à valorização econômica da terra, com produção voltada ao mercado minerador, entretanto estas duas funções aparecem interligadas, e ambas têm em comum a necessidade da proteção da coroa, permitindo uma aliança entre esta e os estrangeiros¹⁰.

Dentro das instâncias criadoras de gado, a distinção civil-militar se confundia. O ambiente de guerra fez com que a defesa das fronteiras contasse com os estancieiros que também eram líderes militares locais e peões que acumulavam a atividade de soldados. O RS "... foi a única porção do território brasileiro conquistado pelos seus próprios moradores"¹¹. "Os troncos familiares dos

¹⁰ PESAVENTO, 1977, p. 7.

¹¹ TARGA, 1991b, p. 319.

*principais estancieiros gaúchos tiveram origem nos membros dos regimentos dos Dragões do Rio Pardo*¹².

O levantamento realizado em 1780 para tentar resolver disputas sobre os limites das terras na região mostrou que a maioria dos proprietários era composta por militares ou civis com postos militares.

Mesmo sendo uma economia subsidiária, o Rio Grande do Sul não sofreu na sua plenitude a crise ocorrida na zona mineradora no fim do século XVIII. Duas atividades começam a ter, nessa época, destaque na produção local: o trigo e o charque.

Mas foi o charque introduzido por volta de 1780, que teve importância dentro da economia Gaúcha por um período muito mais longo, indo até praticamente as quatro primeiras décadas do século XX. A charqueada¹³ encontrou no Rio Grande uma atividade

¹² CARDOSO, 1977, p. 91.

¹³ Charqueada - Local onde se produz charque. A criação de gado ao longo da história esteve associada ao desenvolvimento

criatória já bem desenvolvida e oferecendo uma margem de lucro suficiente para garantir a sua expansão.

Foi ao longo do século XIX que o papel do Rio Grande do Sul ficou mais claro. *"Ele passou a fornecer insumos para a expansão do café"*¹⁴. As suas principais exportações eram derivadas do gado: o charque e o couro.

A produção do charque que tinha como consumidor típico o escravo dos cafezais, embora não pareça o melhor tipo de atividade para uma economia local, foi a atividade responsável pela expansão da economia do Rio Grande do Sul no século XIX.

As charqueadas gaúchas que se concentravam ao redor da cidade de Pelotas, ou seja, no litoral da zona

de processos de abate e conservação de carne. Até o surgimento das câmaras frigoríficas, os processos de conservação adotados incluíam infusões em ervas e, principalmente, o salgamento das mantas de carne (também conhecidas como carne-do-ceará, carne-do-sol, carne-seca, carne-velha, jabá, iabá, sambamba, sumaca, etc.).

¹⁴ PESAVENTO, 1980, p. 38.

sul do Rio Grande do Sul- RS utilizava predominantemente mão-de-obra negra escrava e comprava o gado das estâncias da região central e da campanha gaúcha para ser usada na produção do charque.

**CARACTERÍSTICAS SÓCIO ECONÔMICA DA REGIÃO SUL DO
Rio Grande do SUL- RS**

3. CARACTERÍSTICAS SÓCIO ECONÔMICA DA REGIÃO SUL DO Rio Grande do SUL- RS

3.1. A estância

Como foi visto, o povoamento inicial do RS deu-se através de bandos organizados que recolham o gado xucro, quer visando o couro, quer visando a sua exportação em pé para as áreas mineradoras do centro do país.

Mobilizados pelos interesses mercantilista, motivados pela manutenção e expansão dos seus territórios e pelos potenciais tributos que poderiam ganhar, o Estado português ministrou os recursos de soldados e armas, em guerras "... *determinadas pela posse das terras e pela conquista de rebanhos de gado, os próprios soldados, na maior parte, converteram-se em estancieiros, pois todo soldado que se alistasse nas fileiras tinha o direito ao soldo e ao saque*"¹⁵. Vale notar que as

¹⁵ GOULART, 1985, p. 207.

fortificações e as estâncias de pilhagem muitas vezes se confundiam, consistindo em "núcleos guerreiros pilhadores de gado, ou melhor, de saqueadores de gado militarizados"¹⁶.

CARDOSO (1977, p. 94), em alguns momentos, as sesmarias foram distribuídas aqueles oficiais ou subalternos que se destacavam por "... atos de bravura ou banditismo contra o inimigo"¹⁷.

Outra peculiaridade da história gaúcha seria a imagem de camaradagem entre os patrões e os empregados, escravidão 'benéfica' e ampla cooperação entre os estancieiros.

A democracia rio-grandense (...) adoça e humaniza entre nós a nefanda instituição [a escravidão] que os outros povos ambiciosos criaram e exploraram. Em vez de ter sido a disciplina militar que atuou sobre a sociedade (impondo a submissão, a escravidão, à cooperação forçada) foi esta que agiu sobre aquela, determinando a cooperação voluntária, já reinante nas forças irregulares¹⁸.

¹⁶ CARDOSO, 1977, p. 48.

¹⁷ CARDOSO, 1977, p. 94.

¹⁸ GOULART, 1985, p. 48.

Não haveria no sul à distância entre patrões e empregados vigentes em outras regiões do Brasil, na qual se exalta a obediência dos gaúchos aos *"seus maiores, aos seus chefes, não levados pelo medo, mas por um íntimo sentimento de dever - com honra, com admiração, com orgulho"*¹⁹, *"hábitos democráticos, esses costumes de familiaridade, camaradagem e igualdade"*²⁰ dos gaúchos.

Os historiadores que inicialmente estudaram a realidade econômico-social das estâncias caracterizaram-na como obras de homens livres, de aventureiros que, mistos de ladrões, comerciantes e guerreiros, estenderam os domínios lusitanos sobre territórios reivindicados, não sem razão pela coroa espanhola.

A importância relativamente pequena do escravo no Brasil Meridional tem sido acentuada por todos os autores que se preocupam com o problema. A existência generalizada de escravos também tem sido

¹⁹ VIANNA, 1952, p. 165.

²⁰ VIANNA, 1952, p. 176.

ressaltada, por outro lado, por quase todos²¹.

3.2. Escravos nas charqueadas

O escravo encontrava-se, no começo do século XVIII, incrustado em todos os poros da sociedade colonial. Este entrou nos nossos territórios, definitivamente, ao lado dos primeiros lusitanos que chegaram ao Rio Grande do Sul.

Nos últimos vinte anos do século XVIII, foi a charqueada, a responsável pela estruturação de um sólido regime social de produção escravista no Rio Grande do Sul. Teremos, a partir deste momento, uma classe de senhores-de-escravos, vivendo do trabalho destes, acumulando riquezas e escravos. Será a charqueada que possibilitará pela primeira vez os meios necessários para a introdução de novos escravos no nosso estado.

Podemos, por exemplo, crer que o tráfico negreiro em direção ao Rio Grande do Sul só tomará verdadeira importância com o

²¹ CARDOSO, 1977, p. 45.

início da atividade saladeiril em grande escala. Será ela que facilitará os "cabedais" necessários para a compra dos caros e robustos "escravos novos", assim como de escravos "ladinos", possuidores de uma profissão. É fora de dúvida que o comércio escravista sulino é anterior a 1780: porém, antes desta data, os escravos eram trazidos, possivelmente, em pequenos grupos, por seus proprietários que aqui vinham se estabelecer ou por pequenos comerciantes²².

Antes da indústria do charque, não existia uma necessidade significativa de mão-de-obra escrava, nem os fundos necessários para importação destes. Com a indústria do charque, teremos uma atividade produtiva que 'consome', sistematicamente, mão-de-obra negra e cria inúmeras possibilidades colaterais de utilização do braço escravo.

Por mais de um século, a classe econômica relativamente mais dinâmica, os charqueadores, vive da exploração direta do trabalho escravo. Esse processo de segmentação do trabalho, no Brasil, só terminará bem mais tarde; com a plena vigência das

²² MAESTRI FILHO, 1984, p. 97.

relações capitalistas de produção e trabalho assalariado; no que se refere ao Uruguai, em meados do século XIX, já tinha alcançado a sua plenitude.

Aqui, porém, ainda que tenhamos as refinadas instalações charqueadoras e uma complexa divisão técnica do trabalho, as relações sociais de produção são escravistas. Em todos os sentidos, apesar da economia monetária, da produção para o mercado internacional ou da sua refinada contabilidade, o charqueador gaúcho será, até a Abolição, um senhor de escravos²³.

O problema do charque era que o produtor gaúcho sofria a alta concorrência de uma indústria de maior produtividade e rentabilidade: os saladeros platinos.

O escravismo no Uruguai foi sempre uma relação social de produção dependente, não dominante. Os escravos negros dedicavam-se, principalmente, às tarefas domésticas, não produtivas. Nesse contexto, o escravo negro, no saladero, deve ter, ao contrário do Rio Grande do Sul, ocupado um papel

²³ MAESTRI FILHO, 1984, p. 87.

complementar e não essencial, desde as primeiras décadas do século XIX.

Podia o saladero uruguaio, devido ao trabalho assalariado, praticar uma seleção constante de mão-de-obra, uma renovação contínua dos trabalhadores, podendo fazer essa remuneração por peça, por jornada de trabalho, por equipe, etc. Tudo isso, não era permitido, na mesma escala e com a mesma facilidade, ao charqueador.

[...] um charqueador tendo, por exemplo, oitenta escravos e dez operários ou empregados livres, não matará mais de que 200 a 250 bois, média diária, e mais seguidamente menos; ao contrário, um charqueador do sul, tendo 180 operários matará facilmente, e preparará 600 a 800 animais²⁴.

Baseando-se nestes dados, a produtividade-homem do trabalhador do saladero seria superior em 55% à do trabalhador da charqueada.

A utilização do trabalho assalariado influía, também, sobre a necessária imobilização de

²⁴ COUTY *apud* MAESTRI FILHO, 1984, p. 123.

capitais portanto, sobre a taxa de lucro. O empresário platino não necessitava arcar com a pesada 'inversão inicial' que significava a compra do escravo, nem mesmo com o sustento deste nos momentos de desaceleração da produção. Esta diferença explica-nos porquê teremos, para uma produção de modo geral igual, 32 charqueadas médias em Pelotas, e um número significativamente inferior de 'saladeiros' no Uruguai. Estes serão, geralmente, maiores que as instalações gaúchas²⁵. O escravismo e a conseqüente 'rigidez da mão-de-obra' escrava impedia a formação de grandes instalações, como as que podíamos encontrar no Uruguai. Ali, um saladero com 200 a 250 operários não era raro. Imaginar uma charqueada com as mesmas proporções, devido aos motivos já analisados, era impossível. "... *nem um só dos charqueadores de Pelotas ultrapassa uma matança de 20.000 cabeças*

²⁵ MAESTRI FILHO, 1984, p. 24.

por ano, enquanto os de Fray-Bento ou de Tuyu podem ir além de 120.000..."²⁶.

O escravismo limitava o processo de centralização e concentração de capitais que, no Uruguai, permitia a constituição de grandes empresas e o conseqüente aumento da taxa geral de lucro deste ramo produtivo. Trabalhando com maior escala, com maior intensidade de trabalho, o saladero uruguaio alcançará uma divisão técnica na produção extremamente superior ao charqueador escravista. Esta superioridade do trabalho livre é demonstrada pela maior divisão do trabalho nos saladeros do sul. É assim que em pelotas, o mesmo escravo que retira o couro de um animal, separa os seus membros e as suas vísceras, separa a carne dos ossos, e em seguida, a charqueia e a lanha... Ao contrário no sul, cada uma das operações mais importantes é confiada a operários especiais (MARQUES, 1990).

²⁶ COUTY *apud* MAESTRI FILHO, 1984, p. 27.

A maior rentabilidade do saladero pratense devia-se, em última instância, a um único fator: a utilização do trabalho assalariado.

**ANÁLISE DA ESCRAVIDÃO E DA MÃO-DE-OBRA
ASSALARIADA**

4. ANÁLISE DA ESCRAVIDÃO E DA MÃO-DE-OBRA ASSALARIADA

Conforme colocado na seção anterior, a escravidão instalou-se no Rio Grande do Sul e permaneceu como principal mão-de-obra empregada nas charqueadas. Assim, faz-se necessário analisar os prejuízos resultantes desta mão-de-obra.

O primeiro gasto com o escravo era na compra. Os proprietários de terras o adquiriam por um traficante e o preço de compra representava a inversão inicial de capital.²⁷

O proprietário de terras adiantava o preço do escravo, no ato da compra, mas esperava recuperá-lo com acréscimo através da produtividade do escravo. Além da inversão inicial, que apenas colocava o escravo a sua disposição, o proprietário de terras submeter-se-ia a novos gastos

²⁷ GORENDER, 2001, p. 165.

resultantes ao sustento dos escravos²⁸. Em síntese, os proprietários de escravos incorriam dispêndios duplos, um momento da compra do escravo e outro no seu sustento.

As maiores despesas ocasionadas em torno de um escravo relacionavam-se com a sua manutenção. A mão-de-obra escrava foi comparada às instalações de uma fábrica, sendo que a inversão representava a compra do escravo e a sua manutenção consistia nos custos fixos, porque independente do escravo trabalhar ou não, ele incorria dispêndio. Assim, uma hora que o escravo deixa-se de trabalhar era irrecuperável²⁹.

Porém, FREITAS (1991, p. 51) ressalta que "... o escravo era tido não somente como um custo fixo,

²⁸ Manter um escravo representava gastos diários com alimentos, vestuário, abrigo, tempo de repouso, remédios em casos de eventuais doenças, etc., apesar dos recursos destinados aos escravos serem precários (GORENDER, 2001, p. 166).

²⁹ FURTADO, 2001, p. 48-49.

mas também como um bem de consumo durável, pois o serviço por ele prestado era a contrapartida do seu custo”.

No entanto, tais gastos não haveria se o proprietário utilizasse mão-de-obra assalariada. Neste caso, esta relação trabalhista se realizaria da seguinte forma: o trabalhador livre venderia a sua força de trabalho em troca de salário, o qual seria pago pelo proprietário. No entanto, não seria responsabilidade do proprietário de suprir as necessidades básicas do trabalhador, isto é, alimentação, moradia, vestuário, etc. Além disso, os dias deixados de trabalhar seriam descontados do seu salário, ou seja, não representaria gasto algum para o proprietário.

Relacionado ao trabalho escravo, o proprietário incorria também com os custos de supervisão. Os escravos não trabalhavam sem o monitoramento dos capatazes. Sabe-se que qualquer processo produtivo

requer supervisão, pois nas economias assalariadas existem os supervisores ou gerentes, que assumem a função de administrar a produção fazendo parte do processo produtivo. Diferentemente, nas indústrias escravistas, os capatazes não participavam do processo produtivo. O custo de supervisão visava a obtenção da eficiência máxima da mão-de-obra escrava e para isto os capatazes os vigiavam na tentativa de evitar fugas. Além disso toda vez que um escravo fugia, além de acarretar custos referentes aos dias não trabalhados, os capatazes cobravam dos proprietários o custo de tomada, ou seja, os custos para recuperar o escravo fugitivo. Ainda que os capatazes fossem indispensáveis ao este processo de produção, estes acarretavam em maiores custos aos proprietários³⁰.

Nas economias assalariadas ocorre a contratação de supervisores, no entanto, estes agem como

³⁰ GORENDER, 2001, p. 58-62.

administradores ficariam responsáveis pela produtividade e conseqüentemente pelo lucro da empresa. Desta forma, o proprietário da empresa capitalista, buscando uma maximização do lucro, ofereceria incentivos (aumento de salário ou participação nos lucros) para os supervisores quando houvesse aumento da produtividade. Assim, os supervisores tenderiam a agir lealmente.

Como nas economias escravistas, não havia salários aos escravos, assim, não existiam motivos para que estes agissem com eficácia. Deste modo, os escravos compreendiam que independente do nível atingido pela produção, a sua condição não mudaria. Todavia, o senhor dos escravos que arcava com os custos de monitoramento queria o mais alto nível de produção da renda corrente.

Outro ponto significativo para compreender os danos provocados pelo uso da mão-de-obra escrava seria a respeito da técnica da produção. De acordo

com FREITAS (1991), os escravos eram privados de educação, não havendo, portanto, possibilidades de aperfeiçoamento técnico e cultural. Sem o progresso técnico, não ocorria incremento na qualidade da produção, logo, a economia escravista crescia somente em termos de ganhos de escala, isto é, aumentava a produtividade à medida que aumentava o número de escravos e a intensificação do trabalho. O atraso tecnológico do escravo causava o da economia e vice-versa. Uma solução para elevar o progresso técnico seria:

[...] fazer concessões aos escravos, melhorando-lhes a condição através da redução do número de horas de trabalho, da melhor alimentação e de outras vantagens reivindicadas. Então, para evitar uma queda na taxa de lucro, teriam os senhores de se compensar mediante a introdução de inovações técnicas no processo da produção. O nível da luta de classe era, entretanto, sumamente baixo em consequência da debilidade dos escravos proletários como classe social. O baixo nível da luta de classe determinava a estagnação técnica³¹.

³¹ FREITAS, 1991, p. 49-50.

Tal estagnação também é sugerida por CARDOSO (1977), segundo a qual a partir de um certo limite, a economia escravocrata se apresenta como um obstáculo fundamental para a formação do capitalismo. O autor relata sobre a incompatibilidade entre o desenvolvimento do capitalismo e a mão-de-obra escrava que:

Durante todo o incremento de tempo de trabalho, em termos do mecanismo da empresa escravista brasileira, o trabalho não era produtivo e para o capitalista só conta o trabalho produtivo entendido como um trabalhador criador de mais-valia. Desse ângulo, o trabalho escravo numa economia capitalista (a escravidão moderna) apresenta-se como uma contradição em si quando o sistema capitalista em que ela se insere tende ao crescimento³².

Na intenção de apontar os danos causados à economia quando esta se baseia em mão-de-obra escrava, MELLO (1994, p. 74-75) formulou em problema comparando indústrias escravista e assalariada, onde o autor concluiu que a taxa de lucro da economia escravista

³² CARDOSO, 1977, p. 177, 184.

seria muito inferior à taxa de lucro da economia assalariada, por duas razões: primeiro, o pagamento da força de trabalho seria adiantado na indústria escravista (custos de transporte, alimentação e moradia), enquanto na indústria baseada em trabalho assalariado a remuneração acontece depois do consumo no processo produtivo. Segundo, a rotação do capital variável é mais rápida que a do capital fixo (o escravo é tido como capital fixo).

Mas estes resultados são meramente ilustrativos, pois para esse pressuposto foram atribuídas eficiências iguais para o escravo e para o trabalhador livre, pois sabemos que o escravo é ajustado à produção pela força ao passo que o assalariado é retribuído com salário. Além disso, a escravidão impedia uma maior divisão técnica do trabalho porque o escravo não tinha especialização. Ainda que fossem admitidas

técnicas iguais, mesma utilização da capacidade produtiva e preços, a produtividade do trabalhador assalariado tende a ser maior, aumentando a diferença dos custos.

Com base nas afirmações colocadas acerca dos motivos pelos quais não houve implementação da mão-de-obra livre, acredita-se que o proprietário percebia que o escravo apresentava um nível de utilidade menor que a sua capacidade. No entanto, ele não possuía outra alternativa senão a escrava. E transformar o escravo em trabalhador livre era um fato que estava fora do alcance dos proprietários.

Desta forma, não seria correto atribuir todo o atraso do desenvolvimento do capitalismo à mão-de-obra escrava. Os escravos eram improdutivos, mas os senhores de escravos não investiam na produção, diferentemente das economias capitalistas.

A DECADÊNCIA DAS CHARQUEADAS

5. A DECADÊNCIA DAS CHARQUEADAS

Considerando-se que o complexo charque-estância é a chave para se entender os caminhos de desenvolvimento da região, as suas mudanças e continuidades serão aqui examinadas.

Mesmo depois da independência e da consolidação dos limites territoriais, alimentando a obsessão do perigo de uma hipotética guerra com a Argentina, os governos brasileiros cultivaram durante um século e meio a chamada 'estratégia do complexo militar' no Rio Grande do Sul. Outro condicionante que influenciou fortemente a evolução sul-riograndense diz respeito ao centralismo político durante o Império e também em importantes fases do período republicano, em geral, desfavorecendo o Rio Grande do Sul. Com efeito, com a Independência (1822), embora o Nordeste ainda se constituísse na região mais rica do país, representando cerca de

dois terços da riqueza nacional, implantou-se no Brasil um Estado Nacional sob a hegemonia do Sudeste, com o poder político basicamente concentrado no tripé Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (BRUM, 1988). Pesavento (1980, p. 290), *"atribui os problemas do setor charqueador na República Velha ao fato de este estar submetido aos interesses da oligarquia cafeicultora do Sudeste do país"*.

"Hegemônica, mas decadente", assim Fonseca (1983, p. 26) definiu a situação da Campanha no período da República Velha. Apesar de alguma diversificação produtiva, a pecuária continuou a ser a atividade dinâmica da região.

Concentrando nas suas mãos a maior parcela do poder político nacional, o Sudeste (Rio - São Paulo - Minas Gerais) vai ser enormemente beneficiado pela ação governamental. Os pesados impostos cobrados nas regiões subalternas, inclusive o Rio

Grande do Sul, não revertiam equitativamente em obras públicas realizadas com recursos da União.

No passado o poder central praticamente não desempenhou o papel distributivista que geralmente se lhe atribuiu, tendo atuado mais como força concentradora na aplicação dos tributos arrecadados de toda a sociedade em benefício principalmente do Sudeste e em detrimento das demais regiões do país³³.

Assim, após 1930, o poder dos proprietários de latifúndio pastoril entra em declínio. HERRLEIN JÚNIOR (2000, p. 7) afirma: *"A estagnação das charqueadas deve ser considerada em termos muito relativos, no que concerne às exportações regionais, visto que, ao final do período, o charque continuava a ser o principal produto exportado"*.

Ainda conforme FONSECA (1983, p. 59), houve um aumento da produção voltada para o consumo dentro do estado, *"entre 1907 e 1927, tal consumo aumentou 67% em termos físicos, demonstrando a importância*

³³ BRUM, 1988, p. 16.

crescente da demanda interna, à medida que a economia gaúcha se diversificava". E conforme aponta Pesavento (1980, p. 50), "em 1907, dentre os maiores estabelecimentos manufatureiros recenseados, cerca de 61,5% do valor da produção gaúcha era gerada nas charqueadas". Em suma, a queda na importância do charque na economia gaúcha deve ser mais entendida como resultado da ascensão de outras atividades (e regiões) do que como um retrocesso em termos absolutos da produção do setor³⁴.

FAUSTO comenta que:

Tanto na política quanto na economia da República Velha, o Rio Grande do Sul constituiu uma anomalia: economicamente não se orientou essencialmente nem para exportação, nem para subsistência; politicamente não foi um estado dominante (no sentido em forma Minas Gerais e São Paulo) nem um estado satélite (1970, p. 99)

O Rio Grande do Sul abastecia o mercado interno com produtos pastoris, concorria com os produtos

³⁴ BRUM, 1988, p. 18-20.

platinos e produtos de São Paulo, no qual era prejudicado devido o produto platino não serem tributados na importação, chegando ao Brasil com preços menores do que os produtos gaúchos. Os produtos gaúchos também levavam desvantagens na comparação qualitativa, pois os produtos platinos eram tratados e já havia alguns frigoríficos que prolongavam a duração do charque platino, mas os produtos do Rio Grande do Sul, por falta de investimentos e desinteresse das autoridades pela região, muitas vezes chegavam aos seus destinos deteriorados, pois não havia como conservá-los, além dos impostos cobrados no trajeto, que encareciam os produtos gaúchos até chegarem ao centro do país dificultando a concorrência dos produtos gaúchos.

O Rio Grande do Sul sempre foi excluído do restante do país e em algumas situações considerado um corpo estranho. Provavelmente isso tenha retardado os

investimentos nesta área pelas autoridades brasileiras.

O domínio da oligarquia cafeeira de São Paulo e Minas Gerais, a política do café com leite, em que o País custeava estas regiões por estarem os seus representantes no poder do país que mantinham estreita ligação de troca de favores entre os seus estados e o governo central.

O abandono do Rio Grande do Sul neste período e o desinteresse em facilitar o mercado de charque para que o produto gaúcho pudesse concorrer com o platino, deu-se porque à época só interessava ao Brasil o mercado do café, o qual estava em ascensão.

A elevação dos preços do charque gaúcho era praticamente inviável, pois, além de favorecer os concorrentes nacionais e platinos, restringia o consumo, uma vez que o produto se destinava a consumidores de baixo poder aquisitivo. Reduzir a

carga tributária também não era possível, uma vez que o Rio Grande do Sul não tinha acesso às decisões de política econômica do poder central, onde prevaleciam os interesses do centro do país. Em decorrência desses fatores, aliados à crise do café, e agravados pela melhor qualidade dos rebanhos uruguaios e argentinos e pela implantação de processos mais modernos de conservação da carne no Prata, a frio, com a instalação de frigoríficos, a pecuária gaúcha (e o charque), que já tivera graves problemas na primeira metade do século XIX, motivando, inclusive, a Revolução Farroupilha, entra novamente em crise aguda no início do século XX.

Sem poder elevar o preço do produto, as charqueadas atenuam a sua crise reduzindo os salários pagos aos seus operários e baixando o preço pago pelos bois, prejudicando os estancieiros. Estes, sentindo-se explorados pelos charqueadores e

diante do avanço tecnológico que se verifica na Prata, conseguiram pela primeira vez congregar-se como classe, fundando em 1912 a União dos Criadores e, através dela, iniciaram um esforço de renovação da pecuária gaúcha e, também, decidiram criar um frigorífico com capitais locais.

Em decorrência da Primeira Guerra Mundial, aumentou a demanda e elevaram-se os preços. As boas perspectivas criadas pela guerra motivaram empresas norte-americanas a instalar modernos frigoríficos no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul), contando com incentivos fiscais. No Rio Grande do Sul foram instalados os frigoríficos Armour, Swift e Wilson (1917-1918), em Santana do Livramento e Rio Grande. A iniciativa dos estancieiros de criar um frigorífico com capital local, também contou com o apoio do governo estadual sendo concretizada em 1917, com a instalação do Frigorífico Rio-Grandense, em

Pelotas. Carente de capital, o frigorífico acabou sendo vendido, em 1921, a um grupo inglês, passando a atuar com a denominação de Frigorífico Anglo. (MARQUES, 1992).

Com o fim da Primeira Guerra Mundial reduz-se a demanda e caem os preços. A situação da economia do Rio Grande do Sul agrava-se ainda mais com a imposição da política de sustentação dos preços do café pelo governo central, descarregando o ônus de tal medida sobre toda a nação.

Com os frigoríficos, além de um novo padrão de industrialização e conservação da carne, a economia gaúcha, baseada na pecuária extensiva, é articulada ao mercado externo. É importante destacar, ainda, que a pecuária nunca esteve entre as prioridades da política econômica do país.

Sempre foi considerada atividade secundária, complementar do eixo econômico São Paulo - Rio de Janeiro - Minas Gerais. Esse fato explica em parte o atraso zootécnico (técnicas de criação e engorde, manejo e controles sanitários) da pecuária sul-rio-grandense em relação

à Argentina e ao Uruguai, pois nesses países a pecuária sempre integrou os projetos econômicos nacionais, o que estimulou seu constante aperfeiçoamento técnico³⁵.

A pecuária gaúcha apresentou historicamente um lento avanço tecnológico, mantendo-se prisioneira de técnicas precárias. Mais recentemente busca modernizar-se. Todavia o sopro da modernização, com vistas a recuperar o atraso histórico, ainda movimenta apenas uma minoria dos estabelecimentos. Campos malcuidados; baixa qualidade dos rebanhos; abate médio anual em torno de 11% do rebanho, quando devia atingir o dobro; o boi é frequentemente encaminhado ao abate com cinco ou seis anos, quando isso devia ocorrer com cerca de dois anos e meio; cada 100 matrizes disponíveis geram anualmente, em média, cerca de 50 terneiros, quando essa proporção devia estar acima de 80%; acentuada perda de peso durante o inverno, por

falta de pastagens, atrasando o desenvolvimento do animal; cuidados sanitários muito aquém do desejado e das possibilidades hoje existentes... são alguns dos problemas mais constatados na maior parte da área ocupada pela pecuária. Superar essas deficiências é um desafio e uma necessidade (BRUM, 1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratou-se de demonstrar ao longo da pesquisa, as vicissitudes que afligiram a economia charqueadora rio-grandense, em especial os efeitos econômicos da utilização da mão-de-obra escrava. Viu-se que ao final do século XIX, o Rio Grande apresentava reduzida capacidade de acumulação, precária tecnologia e baixa rentabilidade. A crise configurava-se não somente no plano da produção, mas também uma pecuária extensiva e uma charqueada obsoleta, em descompasso tecnológico com os avanços mais recentes de frigorificação da carne. Revela-se o drama gaúcho de produzir para o mercado interno um artigo que, apesar de apresentar um elevado custo de produção, não podia ser oferecido a um alto preço, pois, com isto, tanto se restringia o consumo quanto induzia o aparecimento de concorrentes.

O problema era que o charque gaúcho sofria alta

concorrência de uma indústria de maior produtividade e rentabilidade, os saladeros platinos. O empresário latino não precisava arcar com a pesada 'inversão inicial', que significava a compra do escravo, nem mesmo com o sustento desses nos momentos de desaceleração da produção. A superioridade do trabalho livre é demonstrada pela maior divisão do trabalho.

A princípio o problema do setor charqueador era o fato deste estar submetido aos interesses da oligarquia cafeicultora do sudeste do país, devido o mercado do café estar em ascensão. O Rio Grande do Sul se via impedido de impor uma política geral de auxílio à pecuária, que manipulasse taxas de importação ou fizesse valer uma orientação financeira nacional conforme os seus interesses.

A economia gaúcha baseou-se numa produção primária - a pecuária - voltada, para fora do estado. A pecuária sempre foi considerada uma atividade

secundária, complementar do eixo econômico São Paulo - Rio de Janeiro - Minas Gerais. Esse fato explica em parte o atraso da pecuária sul-riograndense em relação aos concorrentes da prata, pois nestes países a pecuária sempre integrou os projetos econômicos nacionais.

Pode-se afirmar, no entanto, que, a economia gaúcha era dependente e periférica, e estes fatores, associados a falta de tecnologia e utilização de mão-de-obra escrava, foram os determinantes para que o Rio Grande do Sul não conseguisse sustentar a indústria do charque no final do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, A. J. **Rio Grande do Sul: crise e perspectivas.** Ijuí: ed. UNIJUÍ, 1988.

CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional:** O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FAUSTO, B. **A Revolução de 30.** São Paulo: Brasiliense, 1970.

FONSECA, P. C. D. **RS: economia & conflitos políticos na República Velha.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

FREITAS, D. **O escravismo brasileiro.** 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil.** 30. ed. São Paulo: Nacional, 2001.

GORENDER, J. **O escravismo colonial.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

GOULART, J.S. **A formação do Rio Grande do Sul.** 4. ed. Porto alegre: Martins Livreiro, 1985.

GUILHERMINO, C. **História do Rio Grande do Sul - Período Colonial.** Porto Alegre: Globo, 1970.

HERRLEIN JÚNIOR, R. **A economia gaúcha e a suas relações externas (1889-1930).** In: III Encontro de Economia da Região Sul - ANPEC SUL 2000, Porto Alegre. **Anais...** 2000. p. 917.

MAESTRI FILHO, M. J. **O escravo no Rio Grande do**

Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

MARQUES, A. F. **A economia do charque.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

_____. **Evolução das charqueadas rio-grandenses.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.

MELLO, J. M. C. de M. **O capitalismo tardio:** contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. 9. ed. Reimp. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PESAVENTO, S. J. Considerações sobre a evolução da agricultura gaúcha até 1930. **Informativo do SEITE.** Porto Alegre, FEE, v. 3, p. 28-38, nov./dez. 1977.

_____. **História do Rio Grande do Sul.** 3. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

_____. **História do Rio Grande do Sul.** 5. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990

_____. **República Velha gaúcha:** charqueadas, frigoríficos e criadores. Porto Alegre: Movimento, 1980.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1969.

TARGA, L. R. P. O Rio Grande do Sul: fronteira entre duas formações históricas. **Ensaio FEE,** Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 308-344, 1991b.

CAPÍTULO II

COLONIZAÇÃO NEGRA NAS CIDADES DE PELOTAS E CANGUÇU DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

RESUMO

Este artigo irá realizar um estudo da introdução do negro nas comunidades Pelotenses e também canguçuense, assim como as suas culturas e auxílio para o desenvolvimento das respectivas cidades ao longo do tempo. Sempre realizando um contraponto entre as duas localidades, já que são muito próximas geograficamente uma da outra, por isso a história de ambas se confundem em vários aspectos, inclusive no sentido da colonização afro-brasileira. Portanto, o trabalho será iniciado pela introdução, que irá inferir uma análise inicial sobre o assunto abordado. Logo após será descrito um desenvolvimento mais aprofundado do tema. Em seguida, será elaborado uma conclusão, mostrando situações hipotéticas e resoluções que poderiam ser válidas para o desenvolvimento da comunidade negra nessa região, informando a base

bibliográfica do estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Afro-brasileira.
Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O artigo visa principal mostrar para todos os leitores a origem, a cultura e as bem feitorias que os afro-brasileiros fizeram para o desenvolvimento humano e social das cidades de Pelotas e CANGUÇU que abas se localiza na região sul do Rio Grande do Sul.

Primeiramente iremos falar sobre as características da cidade de Pelotas, já que nos seus primórdios, a cidade se destacava no setor econômico, inclusive depois que o charque foi introduzido no começo do século XII. Sendo que o negro era uma peça importante para está engrenagem. Dessa forma, a cidade de Pelotas que e conhecida carinhosamente por princesinha do Sul, devido a seu grande desenvolvimento cultural e social na época do charque, localizada a aproximadamente 280 km da capital, sendo a terceira cidade mais populosa do estado, tem cerca de 15% de pessoas de raça negra, mostrando a grande influência negra na sua sociedade.

Por outro lado, temos a região de Canguçu que se localiza a cerca de 60 km de Pelotas, com predominância alemã. Porém, no decorrer do estudo

se concluirá que a cultura afro-brasileira existe de maneira forte nessa localidade também.

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

Pelotas:

Como falamos anteriormente, a influência e costume da cultura negra existem até hoje na cidade da princesinha do Sul.

Os primeiros ocupadores da região foram os índios guaranis, que ajudaram os portugueses recém-chegados em meados do século XVI.

Com o advento do charque na região no final do século XVI, houve a necessidade de mão de obra, com isso foram necessários a ajuda dos negros.

"Das migrações da África a América não acabou, se ampliou de forma moderna" (Ratho ZL).

Esse trecho enfatiza o modo em que foi administrado a migração negra na região na época, ou seja, uma circulação de forma moderada e enfática.

A escravidão tem o seu lado obscuro como todos sabem, e nesse sentido, eles eram tratados como mercadorias, divididos em lotes, e antes de

embarcar para o Brasil, por regiões do continente africano.

Dessa forma, os negros que eram vendidos para a atividade dos charques, foram os rejeitados para o trabalho de extração de ouro. Por isso, depois de vários insucessos para atividade de minas, se percebeu que o negro com lotes vindo da região angolana e moçambicana era que causava problema na região Mineira. Então a partir desse momento o escravo que viria para a cidade da princesa do Sul era da Angola e Moçambique, pela qual existem traços humanos característicos que até hoje é percebido na população, como o nariz mais reto do que os demais negros do Brasil, por exemplo.

"É chegada a hora de tirar a nossa nação das trevas da injustiça racial".(Zumbi dos Palmares). Esse trecho mostra que como os negros eram mais rebeldes, não foi fácil para os senhores de engenho conseguir que fossem escravizados, pois, a região

das cidades africanas descrita anteriormente foram as localidades que teve mais conflitos na África pelo fato da população não aceitar ser capturados, explicando essa atitude idealista e justa.

"Sou Zumbi dos Palmares, fujo da escravidão, mas meu quilombo é reforma agrária no coração..." (acacioporcell).

O trecho do parágrafo anterior mostra que a partir do momento que a população negra não aceita ser escravizados, ocorre um deslocamento deles em regiões não habitadas pela população branca, iniciando assim a distribuição geográfica da cidade de Pelotas no sentido econômico e humano.

O memorável zumbi dos Palmares no trecho se referiu aos quilombos que eram lugares que os negros viviam escondidos, mas essa ação foi o começo da formação de locais que seriam futuramente marginalizados não só na cidade de Pelotas, mas também no Brasil todo.

Só nesse movimento os afrodescendentes já contribuíram para a comunidade, já que a região sudeste de Pelotas que compreende atualmente os bairros de Navegantes, Balsa e Areal receberam as primeiras melhorias graças aos negros, mesmo sendo consideradas, ainda hoje, um bairro pobre.

Vale lembrar que o escravo vinha para essa região em forma de castigo, por isso na época a cidade de Pelotas era conhecida como o purgatório dos negros, pelo fato da atividade do charque exigir muito em esforço e ser degradante pelo uso excessivo do sal, sendo que a expectativa de vida desses trabalhadores era em média 5 anos a menos do que o restante do Brasil na época.

Contudo, a medida que o negro foi restabelecendo as suas raízes no município, com ajuda de figuras importantes como, por exemplo, Bernardo Taveira Junior, famoso escritor que era voz a favor da liberdade dos negros, que dizia em um do seu poema

chamado de "A liberdade" : **"troá na minha alma a voz da liberdade [...] embora eu veja o mundo escravo sempre / na minha rude lyra hei de cantar-te / o' doce liberdade!"**. Esse trecho se refere ao desejo de muitos da sociedade Pelotense de abolir a escravidão, já que no final do século XVI, a atividade escravista não dava lucro para elite e nem para o governo.

Por outro lado, não podemos deixar de citar a figura do escravo Jerônimo, que trabalhava na Charqueada de Paulino Teixeira, atuou como porta-voz da causa, enviando reivindicação destinada ao Ministro da Justiça, porém foi assassinado. Fato que soou mal para sociedade, havendo uma revolta desencadeada entre os escravos e os seus senhores, acontecendo sentenças de mortes numa praça conhecida na cidade como praça dos enforcados (chamado atualmente em praça Cipriano Barcelos). Logo após a abolição da escravatura o negro ficou

naquelas regiões descritas anteriormente, influenciando na comida, como a introdução do quindim, por exemplo, economia e costumes.

Esses costumes são provados com as construções dos clubes "FICAI" e DIAMANTINOS, por exemplo, que até hoje é sinônimo de agregação não só entre os negros, mas também entre toda a sociedade, além da sua música suingadas provindos da África.

CANGUÇU:

Já a cidade de CANGUÇU era usada para refúgios dos negros mesmo após a escravidão.

Sendo que foram instalados vários quilombos nessa localidade, tendo como destaque o quilombo de Moçambique, denominado assim pela figura de um escravo intitulado de Moçambique que lutou pela abolição da escravatura.

Maria Conceição, uma das moradoras mais antiga do quilombo Moçambique em um de seus relatos falou da história do escravo Canguçuense: **"ele deixou uma**

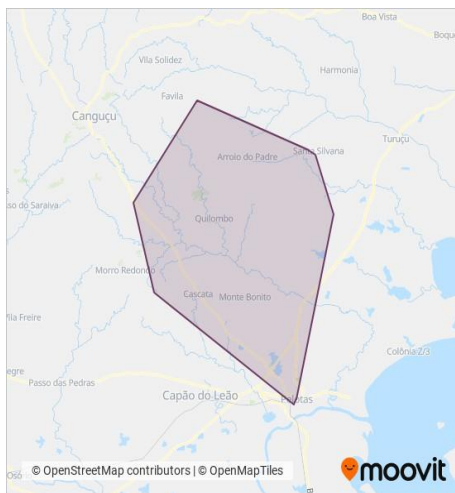
descendência muito grande" ..."as pessoas vinham colocar flor para os outros, sempre botavam flor para ele, acendiam vela. E gente fazia promessa para ele e vinham ali sempre".

Essa senhora, fala sobre a importância cultura e principalmente religiosa desses quilombos, pois até hoje a população trata o escravo Moçambique como santo, oferecendo oferendas.

Por outro lado, não devemos deixar de lembrar que nessa região foi estratégica para os revolucionários farroupilhas, tendo como uma das suas capitais, na época, a cidade de Piratini que faz fronteira com Canguçu. Sendo o negro da região uma peça importante para esse conflito, inclusive formando um grupo chamado lanceiros negros.

ILUSTRAÇÕES

Figura 3 - Mapa de Canguçu e região quilombola.



Fonte: MOOVIT

Figura 4 - Modelo de Charqueadas em Pelotas.



Fonte: Nonada jornalismo.

Figura 5 - Descendentes quilombolas de Canguçu.



Fonte: Google

Figura 6- Clube Pelotense fundada por negros
FICAÍ.



Fonte: Jornal Diário Popular.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Portanto, foi possível nesse artigo enfatizar o início da colonização afro-brasileira nas comunidades estudadas, assim como as suas ramificações econômicas, humanas e culturais.

Dessa forma, se conclui que a evolução das sociedades estudadas se deram através do empenho de figuras negras importantes como Moçambique, Dona Maria, e o Poeta Bernardo, por exemplo.

Por outro lado, se sabe que a conjuntura Política e econômica da época, contribuíram para a provocação de ações que seria benéfico para evolução das cidades de Pelotas, Canguçu e região. Contudo, esse trabalho mostra que as localidades estudadas devem ter como lembrança as suas raízes afro-culturais, semelhante a não adquirir preconceitos sobre esse sentido, pois quem conhece a sua história não irá separar os seus irmãos.

REFERÊNCIAS

ÍNDICE REMISSIVO

ÍNDICE REMISSIVO

A

Absolutos, 54
Adquiriam, 41
África, 21
Afro-Brasileira, 70
Agregação, 81
Agricultura, 17
Alcançado, 35
Aliança, 25
Alistasse, 30
Análise, 18, 70
Aprofundado, 70
Apropriação, 22
Armados, 24
Assalariada, 13, 43
Assalariadas, 44
Assalariado, 39
Associados, 13

Atividade, 27

B

Balsa, 79
Banditismo, 31
Benefícios, 24
Bibliográfica, 71
Brasil, 20

C

Café, 13
Café Com Leite, 56
Capacidade, 49
Capitalistas, 35
Carne, 59
Central, 57
Charque, 18, 27, 76
Charqueada, 33
Charqueadas, 13
Charqueadoras, 13

Chefes, 32
Cidade, 21
Clima, 20
Cobrados, 55
Colonização, 70
Colonizadores, 24
Começo, 33
Comerciantes, 34
Compensar, 46
Compra, 41
Comunidades, 70
Conclusões, 18
Concorria, 54
Concretizada, 58
Condição, 45
Condicionante, 51
Conhecimento, 21
Conseqüente, 13
Considerada, 53
Considerado, 55
Consistindo, 31
Constituição, 38
Contrário, 38
Convivência, 22
Coroa, 32
Crescia, 46
Criadas, 58
Culturas, 20
D
Decadência, 17
Declínio, 53
Definitivamente, 33
Demonstrada, 38
Desaceleração, 37
Desenvolvimento, 13,
47
Desenvolvimentos, 70
Destaque, 81
Direção, 22
Disciplina, 31
Distribuídas, 31
Divisão, 38

Dominante, 35

Durável, 43

E

Economia, 17

Economias, 44

Econômica, 34

Econômico-Social, 32

Efeitos, 13

Empregada, 41

Empregadoras, 13

Empresa, 45

Empresas, 13

Engajamento, 24

Época, 76

Escrava, 13

Escravidismo, 13

Escravista, 34

Escravizados, 77

Escravo, 42, 48

Escravos, 33

Espalhado, 22

Espanhola, 32

Especial, 21, 63

Esquecido, 20

Essencial, 36

Estância, 13

Estâncias, 23

Estancieiros, 25, 31,
57

Estranho, 55

Estratégica, 82

Estruturação, 33

Examinadas, 51

Exemplo, 77

Existência, 33

Existentes, 61

Existia, 34

F

Familiaridade, 32

Favores, 56

Final, 18

Financeira, 64

Fixos, 42

Flor, 82

Fortificadas, 23

Frigorificação, 63

Fugitivo, 44

Fundando, 58

G

Gado, 22, 28

Ganhar, 30

Gaúcha, 28

Governamental, 52

Grandes, 37

H

Hipotética, 51

Hipotéticas, 70

Humanos, 77

I

Imobilização, 37

Impedido, 64

Importação, 55

Incentivo, 21

Indústria, 34, 35, 65

Indústrias, 44

Inexplorada, 20

Inferior, 37, 48

Instância, 39

Insumos, 27

Interessava, 56

Interesses, 30

Interior, 21

Introdução, 33

Introduzido, 26

Inversão Inicial, 64

Investiam, 49

Irrecuperável, 42

J

Jesuítas, 22

Jesuíticas, 22

Jornada, 36

L

Latifúndio, 25

Leite, 13

Levando, 22

Litoral, 28

Litorâneas, 20

Localidade, 74

Lucro, 27

M

Maneira, 21

Manutenção, 23, 42

Marginalizados, 78

Marítima, 21

Meados, 35

Média, 60

Medida, 59

Militares, 26

Minerador, 25

Minerais, 20

Mistos, 32

Modernização, 60

Monitoramento, 43

N

Necessários, 34

Necessidade, 61

Negra, 73

O

Operários, 37

Orgulho, 32

Ouro, 77

P

Papel, 27

Pastoril, 25

Patrões, 31

Pau-Brasil, 20

Pecuária, 59

Pelotas, 73

Pequenos, 34

Periférica, 65

Planície, 24

Plena, 35

Plenitude, 35

Política, 13

Possuía, 20

Possuindo, 20

Posterior, 22
Prejuízos, 41
Prestado, 43
Primeiras, 36
Princesinha, 73
Principais, 25
Prioridades, 59
Problema, 33, 47
Produção, 45
Produtividade, 36, 41,
45
Produtivo, 38
Produto, 56
Profissão, 34
Proprietário, 43
Purgatório, 79

Q

Qualidade, 57, 60
Qualitativa, 55
Questionamento, 17

R

Realizadas, 53
Realizaria, 43
Rebanhos, 30
Recolhiam, 23
Refere, 35
Refúgios, 81
Região, 20, 26
Regime, 33
Regiões, 81
Registros, 20
Renovação, 36, 58
Rentabilidade, 39, 64
Reproduzindo, 22
Republicano, 51
Resultados, 13
Riquezas, 20

S

Saladeros, 13
Seção, 41
Século, 18, 51

Segmentação, 34

Segurança, 25

Senhor, 45

Síntese, 42

Sistematicamente, 34

Sociais, 35

Social, 33

Sociedade, 80

Sólido, 33

Submetido, 64

Sudeste, 17

Sul, 27

Supervisores, 45

Sustentação, 59

T

Técnico, 46

Teremos, 33

Terra, 21

Terras, 41

Território, 25

Territórios, 32

Trabalho, 13, 17, 36,
39

Trata, 13

Tributária, 57

U

Uruguai, 37

Uruguaio, 36

Utilização, 34, 39

V

Variável, 48

Vendido, 59

Vigiavam, 44

Voltada, 25

Z

Zumbi Dos Palmares, 78

ISBN: 978-65-84809-65-9



CL

9 786584 809659

This block contains the ISBN information and a barcode. The ISBN is 978-65-84809-65-9. The barcode is a standard EAN-13 barcode. To the left of the barcode, the letters 'CL' are printed vertically. Below the barcode, the number '9 786584 809659' is printed, which is the ISBN without the hyphens.